



A REDUÇÃO GALILEANA SEGUNDO MICHEL HENRY

Luiz Edmundo Pinto Bonilha*

Resumo: Neste trabalho procuramos expor o pensamento do filósofo Michel Henry sobre as ciências, mais especificamente no que ele vem chamar de “redução galileana”. Que é a recusa do conhecimento sensível, considerado como mera aparência por um conhecimento baseado em formulações geométricas e racionais. Tal redução fez com que a modernidade seja baseada na racionalidade, criando uma ciência amparada na matéria e esquecendo-se do lado humano de nossas experiências sensíveis, subjetivas e cotidianas. No entanto, Michel Henry, vem propor uma nova ciência, amparada naquilo que é mais intrínseco ao ser humano: a sua subjetividade. Pois esta faz parte da vida e é através dessa que a ciência se origina.

Palavras-chave: Michel Henry. Barbárie. Subjetividade.

Introdução

Compreendemos a ciência como algo que vem para contribuir para com nossa vida. Procuramos encontrar nela um ponto fixo onde possamos compreender o mundo que está ao nosso redor. No entanto mesmo que tal objetivo pareça ser possível, até que ponto ela pode ir? Questionamos até onde o ser humano pode conhecer, mas até que ponto a ciência pode conhecer e contribuir para nosso mundo ou a vida? Uma vez que a vida não está subordinada a um laboratório com seus tubos de ensaio ou a artigos científicos, mas está permeando nossos corpos através de experiências subjetivas que vamos experimentando no decorrer de nossos dias. Em vista disso. Michel Henry vem trazer uma nova forma de fazer ciência, não uma ciência ontológica, mas uma ciência que se relacione com a própria subjetividade.

1 Capítulo

Segundo o filósofo francês Michel Henry no livro “A Barbárie” a divergência da subjetividade em relação ao conhecimento “surge” quando Galileu contrapõe o mundo

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ledmundo@yahoo.com

sensível em relação ao conhecimento geométrico declarando “que o conhecimento no qual o homem confia desde sempre é falso e ilusório” (HENRY, 2012, p. 13). Esse conhecimento é o conhecimento sensível. O mundo do conhecimento sensível não é confiável por ele ser variável, dependente da sensibilidade de cada indivíduo, ao passo que o conhecimento racional, geométrico, é independente da sensibilidade (ou subjetividade) dos indivíduos.

Isto por que o que existe no mundo são formas e corpos extensos e qualquer outra forma de obter conhecimento não era digna de confiança. Esse posicionamento de Galileu de reduzir a natureza a leis gerais e exatas calculáveis tentando aplicar a matemática pura à empiria é uma tendência já herdada de “matematizar” a própria realidade ideal (HUSSERL; EDMUND, 2012, p. 278).

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras, sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto (GALILEI, 1991, p. 21).

Fazendo a distinção das qualidades primárias (formas, figuras, movimento...) e qualidades secundárias (cor, odores, sabores...) estas últimas qualidades são percebidas apenas na percepção subjetiva do observador, não residem no objeto observado. Galileu influenciou não apenas na física como também em outras áreas do conhecimento como na filosofia. Podemos citar como exemplo a filosofia cartesiana. Na segunda meditação quando Descartes está mostrando que é mais fácil de conhecer os atributos do espírito do que os do corpo é, sem dúvida, observável essa influência

Então, o que se conhecia com tanta distinção nesse pedaço de cera? Por certo não pode ser absolutamente nada de tudo o que nele observei por intermédio dos sentidos, porquanto todas as coisas que caíam sob o paladar, ou o olfato, ou a visão, ou o tato, ou a audição, acham-se mudadas, e no entanto a mesma cera permanece. Talvez fosse o que penso agora, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável aroma das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob essas formas, e que agora se faz observar sob outras. Mas que é, falando precisamente, que imagino quando a concebo desse modo? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Por certo nada mais permanece senão algo de extenso, flexível e mutável (DESCARTES, 2011, p. 50).

Ora, a ciência tem por pretensão superar a tudo o que é particularidade, individualidade, subjetividade devido a seu caráter objetivo. A ciência galileana tem como

intuito superar essa contingência das aparências para “revelar” um mundo verdadeiro em si e isso na medida em que, afasta do mundo as qualidades sensíveis para reter apenas o que é empírico e qualitativamente demonstrável no espaço-temporal. “Assim se propõe, em lugar das impressões individuais e das opiniões variáveis que elas suscitam, um conhecimento unívoco do mundo, do que é verdadeiramente” (HENRY, 2012, p. 28). Procurando estabelecer, dessa forma, um conhecimento objetivo da natureza, afastando as qualidades sensíveis dos objetos, na concepção henryana, Galileu moldou a modernidade:

A modernidade resulta de uma decisão intelectual formulada com clareza, cujo conteúdo é perfeitamente inteligível. É a decisão de compreender, à luz do conhecimento geométrico-matemático, um universo doravante reduzido a um conjunto objetivo de fenômenos materiais e, mais do que isso, a decisão de construir e organizar o mundo baseando-se de maneira exclusiva sobre esse novo saber e sobre os processos inertes que permitem dominá-lo (HENRY, 2012, p. 14).

Quando falamos que a ciência afastou o mundo sensível dos objetos ou da natureza é por que se antes, Aristóteles e seus seguidores atribuíam que essas qualidades sensíveis eram atributos da natureza a partir dos estudos e descobertas galileanas essas qualidades se tornaram algo separado da natureza. Como Henry afirma a ciência afastou o ser da sensação. Há um exemplo bem recente desse afastamento.

Pesquisadores da Universidade Federal fluminense criaram um aparelho que avalia a intensidade da dor crônica do paciente. Através desse aparelho o médico pode saber se a dor está tão forte quanto o paciente afirma ter. Possibilitando ao médico dar um diagnóstico mais seguro do que apenas confiar no que o paciente está a dizer. Ou nas palavras do próprio Professor titular desse estudo:

Se você confirma o que tá dizendo você pode ter uma conduta para o tratamento, ou seja, tratar o paciente de um modo adequado. Sem que haja subjetividade, sem que haja o lado emocional envolvendo a resposta do doente”, explicou o professor titular de Neurologia da UFF Oswaldo Nascimento¹.

Podemos constatar aí que o ser das sensações não está sendo analisado como se a dor pertencesse a ele, mas sim, que fosse algo externo. O que quero dizer é que a subjetividade da dor que está no ser mesmo da dor não está sendo considerada. A dor não é algo transcendente, exterior ao sujeito, mas é intrínseco a ele, é o ser mesmo da subjetividade. Longe de apenas

¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/pesquisadores-desenvolvem-programa-para-medir-dor-de-pacientes.html>. Acesso em: 4 out. 2015.

afastar o ser das sensações de sua subjetividade, a ciência tenta reduzir a vida a meras abstrações, idealidades passíveis de explicações físicas

A pretensão da ciência de reduzir o mundo da vida a um mundo de idealidades e abstrações físico-matemáticas repousa sobre a ilusão prévia de que as propriedades sensíveis deste mundo são precisamente as suas e lhe pertencem propriamente e que, uma vez que a cor está na natureza e não na alma, se pode apreender o ser natural, e isso mediante uma análise mais fina do que a da percepção, por meio de uma análise física (HENRY, 2012, p. 73).

No entanto, o mundo apresenta-se a nós em aparições sensíveis; quando olhamos um bolo, por exemplo, não olhamos para os ingredientes utilizados, mas sentimos o odor, sabor e para as cores que o constituem como “bolo”. E tais aparições são tudo aquilo que constitui a “matéria prima” de nossa vida: a subjetividade. E esta é a capacidade de sentir a si mesma que é a vida real e não a vida que a ciência quer tentar através dos resultados obtidos em seus laboratórios através de seus tubos de ensaio, microscópios e afins: “*é a vida fenomenológica absoluta cuja essência consiste no próprio fato de se sentir ou de experimentar a si mesmo e não é nada mais*”, o que ainda denominaríamos subjetividade” (HENRY, 2012, p. 27).

Essa capacidade de sentir, experimentar a si mesma constitui um saber. Isto possibilitará que nosso filósofo francês tenha como intuito uma “ciência identificada com a existência, não ontológica ou abstrata, mas real ou sentida” (HENRY, 2012, p. 32). Sendo que a ciência com seus métodos científicos de avaliação não têm capacidade de pretender alcançar um nível de verdade absoluta por não pertencer a imanência radical e conseqüentemente um meio de verificação interior.

Curiosamente as operações matemáticas ou geométricas, enquanto idealizações, que Galileu tenta reduzir, o ser das coisas existentes na consciência que as cria, “provém da subjetividade” e “longe de reduzir esta última a uma aparência, o mundo da ciência encontra nela (...) o princípio que a engendra continuamente, como a condição permanente de sua própria possibilidade” (HENRY, 2012, p. 29). Isto pode parecer estranho à primeira vista. Por causa de nosso costume de sempre considerarmos a consciência como o “sujeito”, porém, se considerarmos o “sujeito” como “a condição do objeto, o que faz que as coisas se tornem objetos para nós e, desse modo, mostrem-se a nós de forma a podermos conhecê-los” (HENRY, 2012, p. 31).

Eles [os cientistas] não percebem que a consciência é justamente essa faculdade de “mostrar” à qual eles, as demais ciências e toda forma de conhecimento em geral

recorrem constantemente. Se perguntarmos, então, em que consiste essa consciência cujas operações transcendentais constituem os objetos do mundo da percepção antes de criar as idealidades do mundo científico, convém antes observar que a faculdade de que se trata é a mesma em ambos os casos, tanto na percepção mais simples e mais imediata quanto na visão científica mais elaborada; é justamente a faculdade de mostrar, de tornar visível, de instalar na condição de presença. Esse tornar visível é ele mesmo um fazer-vir-adiante na condição do objeto, de tal maneira que a visibilidade na qual toda coisa se torna visível não é senão objetividade enquanto tal, ou seja, no primeiro plano de luz no qual se mostra tudo o que nos parece – realidade sensível ou idealidade científica (HENRY, 2012, p. 31).

Michel Henry interpreta a vida como fonte da cultura por considerar esta como “uma ação que a vida exerce sobre si mesma e pela qual ela se transforma, uma vez que é a própria vida que transforma e é transformada” (HENRY, 2012, p. 25-26). Sendo assim o que estamos a ver é sua destruição, sua razão de viver. Compreende-se, dessa maneira, a vida como um

[...] movimento incessante de vir a si, de se pôr a prova e, assim, crescer, a cultura não passa de um conjunto de respostas patéticas que a vida se esforça para levar ao imenso desejo de travessia. E essa resposta ela só pode encontrar em si mesma, em uma sensibilidade que quer sentir mais, sentir-se intensamente (HENRY, 2012, p. 15).

Percebe-se que há uma ênfase na vida, tratada como um valor inestimável, valor supremo. Isto por que o filósofo francês considera que a vida “é idêntica à substância fenomenológica de nossa vida, a avaliação primeira, a motivação patética de toda ação concebível” (HENRY, 2012, p. 16) e, além disso, que ela constitui não apenas o sujeito da cultura como também seu objeto.

O homem, enquanto um ser existente, em sua experiência de vida ou experiência vivida não é um conjunto de sentimentos que culminam no ápice de suas deliberações racionais. Há no ser humano uma experiência interna transcendental que através dessa todas as ideias de nossas faculdades-e intencionalidades se conhecem em sua realização imediata de seu ser mesmo. Tal capacidade nos possibilita adquirirmos ideias de conceitos como-; “desejar, querer, lembrar” -. Sem a necessidade de algo exterior para isso, pois “a experiência interna transcendental, meio no qual se cumpre a verdade originária, é também a fonte de todas as nossas ideias das faculdades” (HENRY, 2012, p. 28). Ao colocar essa alternativa ontológica do corpo, Michel Henry, influenciado por Maine de Biran, pode afirmar que o sentimento do eu, é a fonte originária do conhecimento. Essa experiência interna

transcendental, nas palavras de Maine de Biran “o fato Primitivo” que é o EU², é a maneira mais certa e segura de conhecer, devido a sua imediaticidade, e por seu conteúdo ser dado na ausência de qualquer distância, mas sim, em sua imanência, na transparência absoluta.

Portanto, segundo Michel Henry é sobre a subjetividade ontológica que a objetividade científica repousa. O mundo apresenta-se para nós em aparições sensíveis, contingentes, sobre uma corporeidade humana que não tem nada de idealidades ou abstrações matemáticas, mas coma vida. Galileu se iludiu ao tentar descrever o mundo que só experimentamos através de nossa vida subjetiva de forma matemática e geométrica. É a vida subjetiva que dá forma à nossa existência, isso se dá por que a vida não se esgota em absoluto na relação com os objetos, pois o saber da vida ao mesmo tempo em que é a condição externa do saber científico também o é da condição interna, ou seja, o saber científico é uma das modalidades do saber da consciência, como afirma Henry. Tomemos como exemplo um estudante de biologia:

[...] não é o saber científico que lhe permite adquirir o saber científico contido no livro – não é em virtude de semelhante saber que ele move suas mãos ou olhos, ou que concentra seu espírito. O saber científico é abstrato, é a intuição intelectual de certo numero de significações ideais. Porém, o ato de mover as mãos não é nada abstrato. O saber científico é objetivo, primeiro no sentido de que é conhecimento de uma objetividade, a qual só é percebida à medida que se encontra nessa condição de estar lá adiante e, assim, de se mostrar e, assim, de poder ser atingida por um olhar e, assim, de poder ser conhecida. Mas o saber-mover-as-mãos, o saber-virar-os-olhos – o saber da vida não é de nenhum modo objetivo, nem em sentido algum, não tem objeto, porque não traz em si a relação com o objeto, porque sua essência não é essa relação (HENRY, 2012, p. 35).

Considerações finais

Esse saber movimentar-se, comer, beber; é o saber da vida que atravessa e permeia meu corpo, minha corporeidade que se confunde com minha subjetividade radical. Michel Henry, apoiado em um pensador francês chamado Maine de Biran, traz à tona a afirmação da possibilidade de o cogito ser um “eu posso”. Tal enunciação “consiste na afirmação que o ser desse movimento, dessa ação e dessa faculdade é precisamente o de um cogito” (HENRY, 2012, p. 71). Tal questionamento visa colocar o cogito como uma faculdade de produção. Fundando, dessa maneira, uma nova teoria ontológica do conhecimento que se dá, não a partir de um pensamento “pré-reflexivo”, mas sim, através de uma experiência interna

² Fato Primitivo é um sentimento íntimo, o sentimento do EU que, segundo Maine de Biran, que produz no mundo exterior uma mudança e é identificado com o “Esforço”.

transcendental que é a da subjetividade que se origina através do Corpo. Isto porque é a experiência da imediaticidade, que faz com que o corpo não seja considerado um “meio”, mas a própria experiência e a partir dessa, segundo Henry, podemos “criar” uma nova ciência que se baseia na corporeidade e não nas formas e corpos extensos: uma ciência baseada na corporeidade, no corpo subjetivo.

Referências

DESCARTES, René, **Meditações metafísicas**: introdução e notas Homero Santiago; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; 3. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GALILEI, Galileu. **O Ensaaiador**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, Os Pensadores.

HENRY, Michel. **Filosofia e fenomenologia do corpo**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Realizações, 2012.